

O FEMININO BORDADO PELOS NÓS DO DESIGN

Design, Arte e Tecnologia

Clícia Ferreira Machado; Mirtes Marins de Oliveira (orientadora).

Universidade Anhembi Morumbi Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Design (PPG-Design)

Introdução

Histórica e socialmente, as culturas ocidentais atribuíram a prática do bordado ao sexo feminino. Embora essa prática tenha sido associada exclusivamente às mulheres, seu desempenho foi, durante muitos séculos reservado, ao homem, o que não quer dizer que as mulheres não bordassem. Documentos indicam, no entanto, uma distinção simbólica e valorativa sobre as práticas profissionais, o papel social e os gêneros. O bordar visível, espectacular, ostentatório era produzido por homens, enquanto o bordado íntimo, das peças de uso doméstico era destinado às mulheres, que não pertenciam a nenhuma corporação e que, portanto, não gozavam de reconhecimento profissional.

A feminização gradativa do bordado aconteceu na Europa, de modo não linear, entre os séculos XV e XVIII (DURAND, 2008) e, a partir de então, “naturalizou-se” como fazer característico das mulheres. Um novo vínculo entre mulheres e bordado foi estabelecido, ideologicamente nos discursos sobre a diferença sexual e, materialmente, nas mudanças das estruturas econômica e social da sociedade europeia. O bordado passou a ser reconhecido como uma atividade tipicamente feminina, sendo associado às boas maneiras – papel que continuou a desempenhar até o início do século XX, inclusive no Brasil. Como ocupação das mulheres privilegiadas, o bordar espelhava a ordem social e, nesse contexto, atuou como força para assentar os processos de representação femininos, já que lhe foi conferido (de)marcar a posição sociocultural da mulher do período: o ideal de feminilidade cúmplice da subserviência. Entende-se, contudo, que, apesar de essa conexão do feminino com as manualidades ter como efeito a vinculação a estigmas de gênero, o bordado não esteve resguardado de interferências diversas contidas em sua feitura. O “bordar” apresenta contornos outros, além daqueles que lhes foram dispostos socialmente.

Posto isso, este estudo discute a problemática do bordado manual como resistência e modo de expressão de agendas femininas. Parte-se da hipótese de que a prática é capaz de operar de modo desobediente e subversivo em relação aos sentidos tradicionalmente atrelados à sua fatura e, nesse sentido, atua como avesso das ações dogmatizantes das questões de gênero.

Objetivos

Buscar empreender, por meio do “mapeamento” dos processos de fatura, da materialidade, dos contextos de produção e uso e das funções práticas e simbólicas do bordado manual na produções de artistas, designers, coletivos, grupos, comunidades de mulheres, de que modo esta atividade, vinculada ao fazer feminino, opera de forma desobediente em relação aos sentidos que usualmente lhes foram/são atrelados e engendra forças de resistência às restrições impostas por estereótipos de gênero.

Metodologia

Para traçar o percurso intencionado, recorre-se à noção de obediência e desobediência, de Frederic Gros (2021), que em seu antagonismo e complementaridade, desvelam-se como potências de criação; à teoria do ato de criação, empreendida por Gilles Deleuze (1999), a respeito da arte como resistência; ao trajeto histórico do bordado no ocidente, por Clara Saraiva e Jean-Yves Durand (2008); à história e materialidade do bordado no Brasil, por Maria do Carmo Guimarães Pereira; à relação entre bordado, subversão e construção de feminilidade, com aspectos contraditórios da prática do bordado, na visão de Rozsika Parker (1996). Emprega-se também os preceitos teóricos da Semiótica da imagem, que oferece ensinamentos profícuos para a observação das obras selecionadas.

Conclusões

Não obstante a mutabilidade a que esteve sujeita a prática cultural (longeva) do bordado manual, um aspecto permanece como fato social central: a associação da atividade com o feminino, como tarefa que configurou um enredo imposto às mulheres, conferindo-lhe um lugar demarcado, o de subalternidade. Algo, no entanto, escapa à determinação desse *locus* social e a identidade feminina é também tramada – muitas vezes, de modo furtivo – nas subjacências do próprio fazer do bordar, que coloca um corpo em ação. Nesse contexto, o bordado pode operar de modo desobediente e subversivo em relação aos significados que, comumente, lhes são imputados. Fato é que o bordado formou/conformou a história das mulheres, atravessando-a em diferentes momentos, que vão do reforço do ideal de feminilidade cúmplice da subserviência às lutas feministas travadas em nome das questões de gênero.

Nesse curso parece residir um aspecto de contraparte: ao se evocar a feminilidade, simultaneamente, gera-se o desejo de liberdade aderente de uma consciência feminista. À vista disso, o bordado, técnica capaz de expressar força e integrar atos subversivos, vem sendo empregado no campo das artes e do design como ato de resistência e desobediência, o que se lhe concede ser, ao mesmo tempo, narrativa e testemunho sobre as transformações da condição feminina e da luta contra estigmas de gênero. Um mapeamento primeiro, permitiu observar tal questão na produção de artistas, designers e coletivos de mulheres contemporâneas que realçam, caráter, notadamente, ativista. Vale ressaltar que esta comunicação apresenta dados de uma pesquisa de doutorado em curso, cujo estudo está numa fase preliminar e que dá a conhecer um mapeamento primeiro, investigativo e não conclusivo.

Bibliografia

- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Trad. José Marcos Macedo. Em: Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 27 de junho de 1999.
- DURAND, Jean-Yves. **Os Lenços de Namorados**: Frente e Verso de um produto artesanal nos tempos da sua certificação. 2. ed. Vila Verde: Gráfica Vilaverdense Artes Gráficas, 2008. 302 p.
- GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Ubu Editora, 2a reimpressão, São Paulo, 2021. 222 p.
- INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- PARKER, Rozsika. **The Subversive Stitch**: Embroidery and the Making of the femininity. Londres: The Womens Press Limited, 1996.
- PASSOS, Eduardo *et al.* **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.
- PEREIRA, Maria do Carmo Guimarães. **Bordado**: sua história, seus silêncios. Belo Horizonte: Miguilin, 2023. 303 p.
- SARAIVA, Clara, 2008. **Bordados, Ritos de Passagem e Construção da Feminilidade**. Europa e Portugal. In: In: J.Y. Durand, ed. 2008. Os Lenços de Namorados: Frente e Verso de um produto artesanal no tempo de sua certificação. 2. ed. Vila Verde: Gráfica Vilaverdense Artes Gráficas. p. 116-122

Apoio Financeiro: O presente trabalho foi realizado por meio de concessão de bolsa PROSUP/CAPES/PPG Design da Universidade Anhembi Morumbi - Código de Financiamento 001.